

Expresso Revisitado
José M. da Silva

sons que trazem a história de nossa terra
sopros, pifanos, ritmo lento, marcado e cadenciado
como a vida na república das bananas que masca chiclete importado
foram anos de exílio, de preparação, de elucubração
da Bahia para Portobello, da sorte para o castigo, da ida para a volta
janelas sem postigo
lembranças de tempos idos, tempos pobres, tempos de terra batida
o trem singrando a imensidão árida do interior desconhecido do resto do país
desprovido, ignorado, isolado, segregado, conspurcado
nuvens de chumbo pairam nas cidades
mortes torturadas, assassinadas não se importam com as idades
truculência, violência, fim da inocência
enquanto a ema continua gemendo no tronco ressecado
e a morena morre de amores por um sonho irrealizado
o mundo idolatra a batucada brasileira
o país é uma frigideira
fritando seu povo em samba e xaxado
com boogie-woogie temperado e um bom samba-rock, meu irmão
faz tempo que nos vendem, que nos exportam, que não se importam
somos a mistura de samba com rumba, de Miami com Copacabana
transformados em um composto exótico diluível em pandeiros idealizados
millionários contratos sobre a pobreza absoluta
sonhamos muito, dormimos em sacos de dormir à luz do luar
o sonho acabou, o sleeping-bag rasgou e o luar escureceu
tentamos nos orientar, considerar, compreender
o Cruzeiro do Sul nos decepcionou
a rotação da Terra se alterou
a Terra se planificou
o sereno acabou fazendo mal
observo a kava se esvaindo em fumaça colorida e andrógina
percebo dentro de mim a vida demanhandando, desalvindo
o sonho lindo e vindo, um amaranhado de problemas
e o canto dos excluídos em gemido lazarento
lamentação queixosa que paira por sobre o país

antes, agora e sempre prenunciando nosso azar
houve um tempo em que a batucada revisitada anunciava um véu de nuvem brilhante
embarcamos todos no expresso
esperançosos, revoltosos, auspiciosos
tinha chumbo no céu e na terra
tinha tristeza de um lado e torpeza de outro
era assim aqui e além, e muitos achavam por bem
mortes sangrentas, decisões purulentas
governantes ineptos, ignóbeis adeptos
os anos passam, os rios correm
a vida escorre entre os dedos
a novidade se impõe, vai demandando os medos
o expresso trouxe acordes inusitados, dedilhados
em maior, em menor, em modulações inventadas, em vozes improvisadas
ritmos nativos recuperados, remodelados
versos deformados, inconformados
melodias que dizendo o nada diziam tudo
detalhes elaborados do absurdo
foi um tempo bom
pensamentos escondidos que desatrocavam
todo começo é difícil
nem todo fim é inalcançável
de bonessucesso até depois tem muito chão
e muito tempo, e muito alento
era para o expresso subir ao céu, até a estação final
ninguém entendeu
o percurso-vida não termina tão rápido assim
ainda estamos viajando no expresso
2 a 2, 2 e 2, de 2 em 2
ainda não desmanchamos tramas nem transas
a pílula de vida ainda não foi dissolvida
estamos fadados a esperar por expressos vindouros
salvadores, esclarecedores
foram séculos e séculos além
de dominação, de exploração, de perdição
é preciso reforçar as estruturas do expresso
forjar um comboio mais sólido, verdadeiro bôldo
que fure a bolha da mesmice, que penetre a casca da parvoíce
nossos vagões são frágeis, derrotáveis
não fomos feitos para a guerra
somos passivos e comedidos
medrosos, lentos em demasia
temos medo do golpe do martelo
da bigorna do destino
os tempos mudam

os destinos seguem seu curso de rio sinuoso
tal expresso ditoso
arrogante, insinuante, lucubranter
porque el tiempo pasa
e seguimos perguntando ao relógio quando fazer
é preciso perguntar ao espelho o que fazer, como fazer
vê se compreende, vê se não se esquece
se oriente, pessoa
a corda do destino vibra, ressoa, não destoa
o tempo passa mas não espera, o pensamento reverbera
o gigante não acorda toda hora
onde está o novo expresso que não começa a circular?
já tem muita gente de agora se adiantando, partindo
ainda estamos nos anos dois mil
ainda dá tempo
tem que dar
não precisamos chegar ao depois
basta chegar ao planalto central, ao ponto fulcral
nem precisamos subir ao céu, basta eliminar o fel
o amargo fel do genocídio, do fascismo, do atrasismo, do negacionismo
são outros tempos, outros momentos
igualmente de pesar, de repressão, de medo e de gredo
pode ser o princípio do fim, o assado do assim
é preciso aprender, é preciso estudar
é preciso votar = ou se anular
é preciso acordar desse sonho pesado de quem não sanhou
o novo expresso há de chegar
mas para isso é preciso educar
educação, percepção, visão, condição, cão, cão e mais cão
só um povo que estuda aprende a escolher
decidir, sair
do juço, do engodo, do sufoco
realçemos, refavelizemos, refazendemos
planejemos gilbertianamente a fuga do estílo
é preciso criar nosso expresso, 2 a 2, 2 mais dois, 2-2-2-2, oito, dezoto, mil e oito
com calma e decisão, com alma e precisão
nhão nhão
porque tudo tem limite
até a dinamite